

# Limitrofes já fazem curso para trabalhar

Aparentemente normais, mas conscientes de suas limitações, eles agora podem se profissionalizar

LINA DE ALBUQUERQUE

Aparentemente são pessoas normais e sociáveis. Uma observação mais rigorosa permite notar que apresentam a fala e os movimentos motores um tanto vagarosos, têm dificuldade em assimilar atividades que envolvam abstração e raciocínio, são impulsivos e sentem resistência em enfrentar situações novas. Os chamados limitrofes geralmente não conseguem cursar uma faculdade e passam grande parte de sua vida escolar nas classes especiais — que nas escolas estaduais funcionam até a 4ª série — ou cursam colégios especializados.

Os limitrofes estão ganhando novas chances para desenvolver suas potencialidades. Com o apoio financeiro recebido no começo do ano da Vitae, sociedade sem fins lucrativos mantida pela Fundação Lampadia, o Centro de Orientação Profissional Helena Antipoff (Coha), da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), em São Paulo, montou salas que reproduzem com fidelidade o ambiente de trabalho. O objetivo é tornar os limitrofes mais habilitados a lidar com o dia-a-dia das empresas. O Coha promove há 15 anos cursos de treinamentos para limitrofes e deficientes mentais leves.

Muitos são conscientes de suas limitações, mas não gostam de ser tratados pelo termo técnico que os classifica. Frequentemente os limitrofes abandonam o estudo em torno dos 14 anos. Se motivados adequadamente, no entanto, podem ser bem-sucedidos no mercado de trabalho.

“A maior parte dos limitrofes apresenta dificuldade para generalizar situações e entender conceitos abstratos”, afirmou a psicóloga Elyria Bonetti Yoshida Credidio, coordenadora do Centro.

“Por isso, é melhor que aprendam a trabalhar com modelos concretos, mais próximos da realidade”. Hoje essas oficinas, frequentadas por 65 alunos entre 14 e 25 anos, são dotadas de máquinas de

xerox, sistema de telefonia e arquivos.

O novo programa do Coha oferece cursos coordenados por técnicos do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) nas áreas de arquivo, recepção, encadernação, datilografia e controle de estoques. Essas áreas foram escolhidas com base na atual demanda do mercado. Segundo o resultado de experiências anteriores, cerca de 70% dos participantes estão empregados, com salário acima de um mínimo.

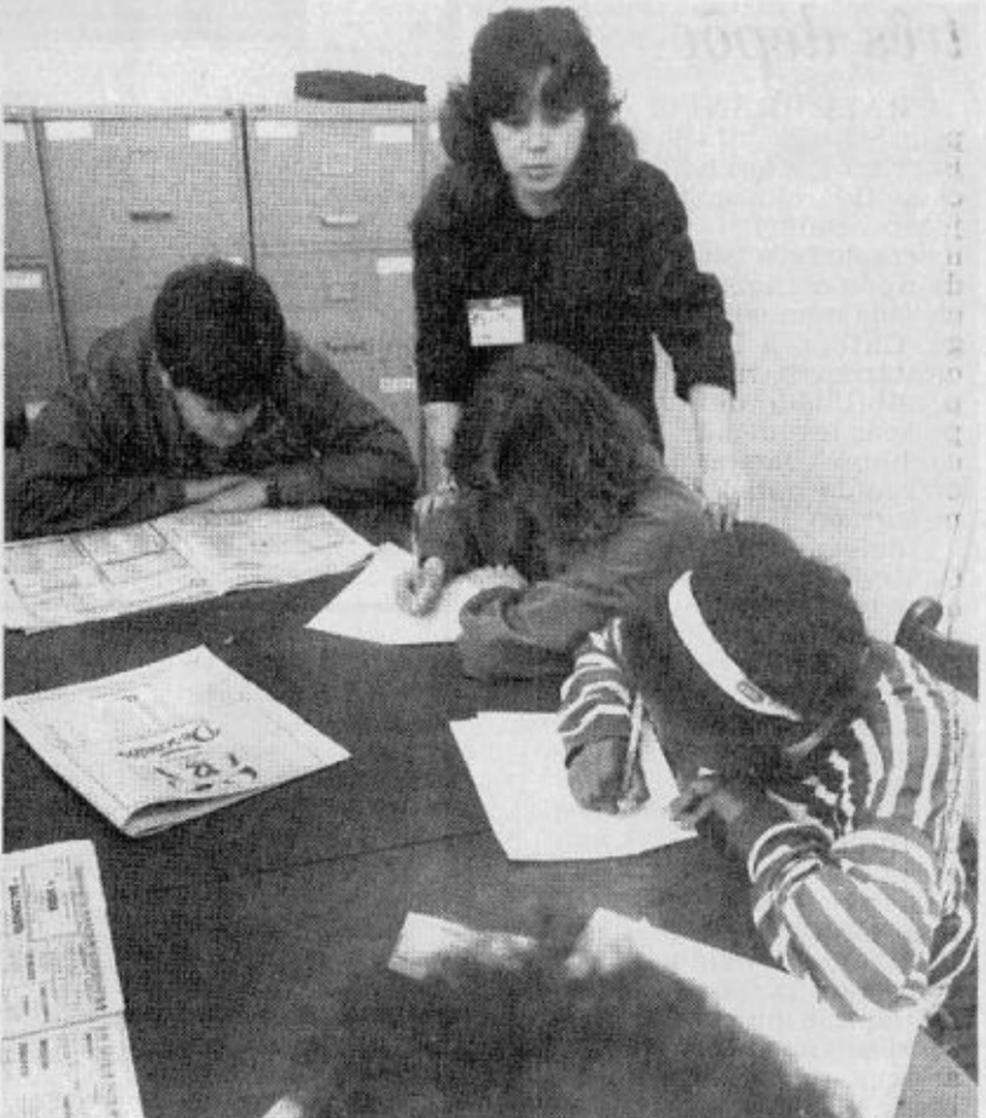
Estima-se que existam no Brasil mais de 1 milhão de portadores de deficiência mental leve e limitrofes, com um quociente de inteligência (Q.I.) em torno de 70 e 85, respectivamente, enquanto uma pessoa normal alcança entre 90 e 110. Trata-se de uma diferença relativamente pequena. Isso permite que os limitrofes tenham consciência dos seus bloqueios, o que não ocorre entre portadores de deficiências mentais mais sérias.

## ACEITAÇÃO SOCIAL

“Estou me preparando para ser xeroquista na firma do meu pai”, afirmou F.L., de 25 anos. “O meu sonho é ser recepcionista num escritório de veterinária, porque adoro animais”, revelou A.P., de 26. Os limitrofes não são considerados deficientes mentais pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Apesar das limitações, muitos trabalham, namoram, se casam e têm filhos. Mas nem sempre são bem aceitos pelo meio social.

De acordo com a psicóloga Elyria, alguns são constantemente vistos como malandros, preguiçosos e marginais, principalmente se a família é de classe social baixa. “Gostaria de estudar Medicina, mas sei que isso por enquanto está longe dos meus planos”, admitiu F.B., 20 anos, filho de um engenheiro agrônomo.

O sentimento de inferioridade também se faz presente no seu cotidiano. Os limitrofes geralmente comparam o seu desempenho com o dos irmãos e amigos e se lamentam por não serem capazes de terem o mesmo rendimento. “O nosso trabalho é tentar recuperar a sua auto-estima e ajudá-los a descobrir as suas potencialidades”, disse Elyria.



Clóvis Ferreira

Alunos em sala de aula: reprodução do ambiente de trabalho